

DEDICATÓRIA

Stella Maria Ferreira
(Doutoranda em Poética)

As linhas escarlates e serpentinas que se seguem deslizam pelo papel para destacar o traçado de palavras que comporta sinuosidades desconcertantes de contraditória maestria. Este é, de fato, um elogio dirigido ao leitor atento à música das letras, cujos passos rejeitem a monotonia; leitor que se abandona “com toda essa alegria serena e segura que a gente goza somente quando captou algo que os séculos não podem enfraquecer” (WILDE, 2003, p.1260); leitor para quem a vida real “é com freqüência a que ele não vive e podem ser tecidas belas poesias como se fossem ricos fios de brilhantes sedas em múltiplos desenhos, em numerosos modelos, maravilhosos e diferentes de todos.”(WILDE, 2003, p.1260); leitor que ama a obra de arte pelo que ela é, fatalmente incompreensível.

Em 30 de novembro de 1900 o irlandês Oscar Wilde morreu. Nasce neste instante o texto, alimentado por ininterruptos enigmas, que ansiava por colimar mentes adormecidas. Texto inteiramente dedicado a este leitor que, de posse do segredo do prazer duradouro, “abandonará sem pesar muitas coisas que em outro tempo tinham sido preciosas para ele.” (WILDE, 2003, p.1261).A admiração por esta escrita peregrina de Wilde – montra de ironia, perversão e ternura – se revela na pura e inusitada consagração de um artista à Arte.

Na escolha das cores, na imobilidade das personagens, nos provocantes epigramas, na crítica ferina, na tristeza contida, na incontestável alegria, o amante do paradoxo aceitou da existência o lado luminoso sem renegar o sombrio. A chave do labirinto saltou-lhe das mãos e a Arte, sua musa e guia, concedeu-lhe uma eterna e impressionante capacidade de sonhar.

Desconsiderando tempo e espaço – numa repulsa às glórias da ação - apostou no ócio como facilitador do exercício do pensamento que procura trazer de volta à individualidade o seu lugar, afinal, “we who are immobile both see and know.” (HOLLAND, M. , 2007, p.213). A veemente temática do Belo, no reconhecimento das instâncias cotidianas, libertaria a expressão e “that mere expression is to an artist the supreme and the only mode of life. It is by utterance that we live.” (HOLLAND, M., 2007, p.213).

Sob a máscara da excelência da produção ficava cada vez mais retida a identidade criadora. A consciência, impossibilitada de fixar seu domínio, se veria convidada ao repouso da incerteza. A leitura outra para este corpo comunicaria o incognoscível. Concentrado em si mesmo, percebeu-se em luta inevitável com o ‘mundo real’. A tranquilidade, porém, foi sua marca, já que garantira a completude de si ao decidir-se pela construção de um mundo poético, multiforme, fruto da improvisação, com a superioridade absoluta do inconsciente. Recorrendo à melodia interior, banhada de mistério, opera uma transformação radical questionando toda solidez. O fixo deveria ser usurpado; a solução residia na aparência. Lembra-nos Foucault que “o saber não é feito para compreender; ele é feito para cortar”. (FOUCAULT, 2005, p.272) .

Aos olhos imaginativos de Wilde pululavam diversas máscaras que objetivariam um encontro com os outros ‘eus’. Seus ‘eus’ e de tantos quantos se arriscassem no mergulho. Ocultando o rosto por meio deste artifício, poderiam ser reveladas facetas da personalidade. A superficialidade promoveria profundas e marcantes mudanças de comportamento para aqueles que se quisessem livres dos grilhões de uma vida óbvia. Para uma época de ‘certezas’, só a opção pelo obscuro, pelo disforme, levaria os sentidos ao completo exercício. Visão, olfato, audição e tato, todos a serviço da Arte. E ela, agradecida, possibilitaria que aromas fossem vistos, sons fossem tocados e cores exalasses perfumes exóticos num louco e vertiginoso bailado.

Este discurso ‘alternativo’ tornaria a percepção mais extensa e intensa a partir da exaltação do efêmero. Oscar Wilde re-traduziu-se e foi banido da vida ordinária. Buscou na auto-superação a grandeza possível do humano e cada

porção de seu organismo formou o retrato de uma vida que se sabia desde sempre artística. A rebeldia deste corpo marcado pela estranheza acompanhou e executou o destino de cada personagem de sua vasta obra confirmando o princípio de Beleza “pelo qual as sombras inconstantes de sua existência são captadas no momento mais fugaz e fixadas perduravelmente.” (WILDE, 2003, p.1261). A extraordinária simplicidade levaria olhos míopes à cegueira, enquanto ele se dirigia a passos largos em direção ao Sol, tal qual o mitológico Ícaro.

Ignorando o tempo da natureza, irrequieto, buscou vivenciar experiências de séculos anteriores – exatamente como seu Dorian Gray define a ‘ação’ do anti-herói Des Esseintes¹. Para tanto, olhou tudo e a ele se revelaram diferentes mundos, os que podia ver e os que uma memória encantada desnudava. Se aos olhos até então só era permitido ver o que estavam treinados a ver, Wilde admitiu plena atuação das forças imaginativas. Os espaços visitados perderam suas fronteiras geográficas para, unidos, formarem o palco ideal para um super-artista, um artista de superação de limites. O efeito hipnótico de sua escrita permite ao leitor caminhar por entre o luxo e o escombros, o digno e o ignóbil, a evidência dos salões e o mistério da rua. Cada pensamento expresso apresentava um capítulo sempre no tempo-presente. Da glória dos teatros passando pela meia-noite do coração na Prisão de Reading até o quase ostracismo dos últimos anos entendeu que precisava manter-se atento para inventar-se constantemente – o que lhe permitiria estar no local para onde queria transportar seu texto. Escalou o zênite de cada dia entre a aurora e a noite numa escrita de mecanismos cujo propósito era o infinito para conservar uma “invulnerável inocência” (BORGES, 1999, p.77); deu à palavra “um tratamento extremamente meticuloso, como peça rara, mantendo-a com cuidado especial” (BOUÇAS, 2002, p.144).

¹ Ver WILDE, 2003, p.149 (“...um jovem parisiense, que passava a vida tentando concretizar, no século XIX, todas as paixões e maneiras de pensar de todos os outros séculos, com exceção do seu, e resumir em si mesmo os estados de ânimo que experimentou, amando, pela sua própria irrealidade, aquelas renúncias que os homens chamam tola mente de virtude...”).

Neste abandono às impressões, chegou ao amor absoluto pela arte, pois, “quem não necessita da arte em tudo, dela não necessita para nada” (WILDE, 2003, p.1019), Daí ter contagiado – e ainda contagiar – inúmeros leitores em todo o mundo. Ao longo dos anos, elegeu discípulos que, como ele, transitam com a imaginação por lugares maravilhosos – reais, porque literários, garantindo o eterno retorno deste corpo-viajante.

Oscar Wilde existe agora em uma inacreditável gama de imagens, traços, pedaços de identificações desvelada a cada leitura; ele continua a convocar o leitor para ser não o que os outros são, mas tudo o que pode ser. Esta foi a dedicatória esculpida por indomável artista para o leitor no texto definitivo que foi sua vida.

Referências Bibliográficas:

BORGES, J.L. *Obras Completas II*. São Paulo: Globo, 1999.

COUTINHO, L.E. ; CORRÊA, I.E.J. *O labirinto finissecular e as idéias do esteta*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

FOUCAULT, M. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

HOLLAND, M. *O álbum de Oscar Wilde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____ (org.) *A life in letters*. New York: Carroll&Graf Publishers, 2007.

WILDE, O. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.